

# *Imigração brasileira na Europa*

*Memória, herança, transformação*

Organização: Katia de Abreu Chulata



## IL SEGNO E LE LETTERE

---

*Collana del Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne  
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio'*

### DIREZIONE

Mariaconcetta Costantini

### COMITATO SCIENTIFICO

*Università 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara*

Brigitte Battel - Claudia Casadio - Mariaconcetta Costantini  
Mariapia D'Angelo - Persida Lazarević - Maria Rita Leto  
Lorella Martinelli - Carlo Martinez - Ugo Perolino  
Marcial Rubio Árquez - Anita Trivelli

### *Atenei esteri*

Antonio Azaustre (*Universidad de Santiago de Compostela*)  
Claudia Capancioni (*Bishop Grosseteste University, Lincoln*)  
Dominique Maingueneau (*Université Sorbonne*)  
Snežana Milinković (*University of Belgrade*)

### COMITATO EDITORIALE

Mariaconcetta Costantini - Barbara Delli Castelli  
Elvira Diana - Luca Stirpe

---

I volumi pubblicati nella Collana sono stati sottoposti a doppio referaggio anonimo.

ISSN 2283-7140  
ISBN 978-88-7916-970-7

Copyright © 2021

*LED* Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto

Via Cervignano 4 - 20137 Milano

www.lededizioni.com - www.ledonline.it - E-mail: led@lededizioni.com

I diritti di riproduzione, memorizzazione e archiviazione elettronica, pubblicazione con qualsiasi mezzo analogico o digitale (comprese le copie fotostatiche, i supporti digitali e l'inserimento in banche dati) e i diritti di traduzione e di adattamento totale o parziale sono riservati per tutti i paesi.

---

Le fotocopie per uso personale del lettore possono essere effettuate nei limiti del 15% di ciascun volume/fascicolo di periodico dietro pagamento alla SIAE del compenso previsto dall'art. 68, commi 4 e 5, della legge 22 aprile 1941 n. 633.

Le riproduzioni effettuate per finalità di carattere professionale, economico o commerciale o comunque per uso diverso da quello personale possono essere effettuate a seguito di specifica autorizzazione rilasciata da: AIDRO, Corso di Porta Romana n. 108 - 20122 Milano  
E-mail segreteria@aidro.org <mailto:segreteria@aidro.org>  
sito web www.aidro.org <http://www.aidro.org/>

---

Volume pubblicato con il contributo  
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara  
Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne

*In copertina*

Collage digitale dell'artista Agnese Purgatorio  
della serie *Perhaps You Can Write To Me*, 2009  
Courtesy Podbielski Contemporary

*Videospagnazione*: Paola Mignanego  
*Stampa*: Logo

# SUMÁRIO

In limine <i>Carlo Consani</i>	7
Da memória à transformação linguística. Heranças teóricas e linguísticas nos estudos sobre a imigração brasileira na Europa <i>Katia de Abreu Chulata</i>	11
Imigração Brasileira: empréstimos brasileiros ao português europeu. Memória, herança, transformação <i>Ana Bela Pereira Loureiro</i>	25
Reflexões sobre o ensino da variação linguística. O português para alunos brasileiros em Portugal <i>Audria Albuquerque Leal - Noémia Jorge</i>	41
Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Questões de memória e herança linguística <i>Beatriz Maria Eckert-Hoff</i>	61
Uma opção didática funcionalista para o ensino do francês em contexto brasileiro <i>Fernanda Cristine Guimarães - Vânia Cristina Casseb-Galvão</i>	73
Metodologias ativas em PLE. Gamificação da série brasileira “3%” <i>Filipa Matos</i>	95
Lineamenti genetici della poesia italoфона di origine brasiliana contemporanea <i>Alessandra Mattei</i>	109
O Estatuto do Estudante Internacional. Incentivo ou barreira para os estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal? <i>Katielle Silva - Jorge Malheiros</i>	125

Toponímia maranhense: diversidade cultural e linguística <i>Maria Célia Dias de Castro - Gisélia Brito dos Santos</i>	145
Lições do Rio Grande: concepções acerca da gramática <i>Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores</i>	167
“Procuo minha mãe”: o fenômeno da adoção brasileira em Itália. Aspectos sócio-linguísticos <i>Mariagrazia Russo</i>	181
Figuração de personagens femininas em <i>Mamma, son tanto felice</i> <i>Helena Bonito Couto Pereira</i>	191
Sobre pessoas e lugares: as mulheres viajantes de Marina Colasanti <i>Kelio Junior Santana Borges - Giorgio De Marchis</i>	205
Uma anastomose entre os conceitos de autobiográfico e literatura diáspora. O exílio de Caetano Veloso na autobiografia <i>Verdade Tropical</i> <i>Tiago Ramos e Mattos</i>	223
Migração Brasil/Portugal: os brasileiros descobrem Portugal <i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	241
Escrita traumática em Primo Levi. Experiência, testemunho e representação <i>Romilton Batista de Oliveira - António Bento</i>	257
Olhar inquisidor: a religião do brasileiro em romances portugueses do século XXI <i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	275
Noutro Porto 2: a religião como culto artístico <i>Ana Cristina Saladrigas - Elizângela Gonçalves Pinheiro</i>	293
Pertencimento, classe e gênero em narrativas de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal <i>Glauco Vaz Feijó</i>	313
Autores	331

# ESCRITA TRAUMÁTICA EM PRIMO LEVI

## Experiência, testemunho e representação

*Romilton Batista de Oliveira - António Bento*

DOI: <https://dx.doi.org/10.7359/969-2021-babe>

### ABSTRACT

The present article aims to present a partial result developed in the Post-doctorate in Literature, around the traumatic writing in Primo Levi, Jewish-Italian survivor of Auschwitz. The research has as corpus the autobiographical trilogy of this author, translated in Portuguese language from Portugal and Brazil. Through this corpus, the present work is intended to investigate the traumatic memory arising from life experience, constituting a relevant contribution to the Testimony Literature. Authors such as Seligmann-Silva, Gagnebin, Assmann, Sarlo, Friedländer among others, help us to understand the presence of trauma in the literature. Levi, as a survivor and witness, produces traumatic writing, refreshes the present and transforms the reality around human existence. His writing, although traumatic, goes through a diasporic dimension, taking into account that, after his experience in Auschwitz. The identity cannot be sustained in his former fixed form of representation, shaking the ideological-discursive formation concerning life and culture.

*Keywords:* experience; memory; Primo Levi; testimony literature; trauma.

---

Esse artigo é resultado da pesquisa que foi desenvolvida no Pós-Doutoramento em Letras, na Universidade da Beira Interior (UBI), sob a supervisão do Dr. António Bento. Selecionamos como *corpus* as obras autobiográficas do sobrevivente de Auschwitz, o italiano-judeu Primo Levi: *É isto um homem?*<sup>1</sup> / *Se isto é um homem*<sup>2</sup>, *A trégua*<sup>3</sup> / *A trégua*<sup>4</sup>, *Os afogados*

---

<sup>1</sup> Levi 1988.

<sup>2</sup> Levi 2002.

<sup>3</sup> Levi 2010.

<sup>4</sup> Levi 2017.

e os sobreviventes<sup>5</sup> / Os que sucumbem e os que se salvam<sup>6</sup>. Queremos, desta forma, a partir desse objeto, analisar a escrita traumática, intermediada por seis conceitos que servem de norteadores teóricos: a experiência, o corpo, o testemunho, a memória, o trauma e a representação.

Segundo Beatriz Sarlo:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no *comum*. A representação inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança.<sup>7</sup>

A autora traz à tona a possibilidade da experiência em forma de narração, unindo a narração da experiência ao corpo e à voz que coloca em cena o real do passado vivido pelo sujeito. Só pela linguagem o aspecto mudo da experiência transforma o incomunicável em comunicável, possibilitando a representação discursiva potencializada não pela temporalidade do acontecimento mas pela memória que salvaguarda em forma de lembrança o que se pode ser recordado.

O trauma como “escrita muda” é a potência de significação inscrita em seus corpos. Assim, para Jacques Rancière:

A escrita muda, num primeiro sentido, é a palavra que as coisas mudas carregam elas mesmas. É a potência de significação inscrita em seus corpos, e que resume o “tudo fala” de Novalis, o poeta numerologista. Tudo é rastro, vestígio ou fóssil. Toda forma sensível, desde a pedra ou a concha, é falante. Cada uma traz consigo, escritas em estrias e volutas, as marcas de sua história e os signos de sua destinação. A escrita literária se estabelece, assim, como decifração e reescrita dos signos de história escritos nas coisas. [...] *Tudo fala*, isso quer dizer também que as hierarquias da ordem representativa foram abolidas. A grande regra freudiana de que não existem “detalhes” desprezíveis, de que, ao contrário, são esses detalhes que nos colocam no caminho da verdade, se inscreve na continuidade direta da revolução estética. [...] Não existe episódio, descrição ou frase que não carregue em si a potência da obra. Porque não há coisa alguma que não carregue em si a potência da linguagem. Tudo está em pé de igualdade, tudo é igualmente importante, igualmente significativo. [...] O escritor é o geólogo ou o arqueólogo que viaja pelos labirintos do mundo

---

<sup>5</sup> Levi 2004.

<sup>6</sup> Levi 2018.

<sup>7</sup> Sarlo 2007, 24-25.



social e, mais tarde, pelos labirintos do eu. Ele recolhe os vestígios, exuma os fósseis, transcreve os signos que dão testemunho de um mundo e escrevem uma história. A escrita muda das coisas revela, na sua prosa, a verdade de uma civilização ou de um tempo, verdade que recobre a cena outrora gloriosa da “palavra viva”.<sup>8</sup>

O autor descreve de forma coerente o que aqui defendemos sobre a “escrita muda” que se faz presente num primeiro momento do acontecimento trágico. A língua sobrevive e atravessa todo o evento em silêncio para, depois, emergir-se e, por meio dos rastros/vestígios que ela conseguiu guardar, falar do contexto vivido pelo sobrevivente. Assim, podemos afirmar que a língua *versus* sobrevivente são duas faces de uma mesma moeda. O ser do sobrevivente narra por meio de uma língua que também sobreviveu para contar a amarga história nos limites dados a um corpo exposto a uma violência que, só depois de um tempo decorrido, língua e sobrevivente entram em cena para lutar contra o poder avassalador do esquecimento.

Walter Benjamin, em seu livro *Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*, especificamente em seus capítulos “Experiência e pobreza” e “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, afirma que “com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável”<sup>9</sup>. No entanto, Beatriz Sarlo analisa o problema de outra forma, acreditando que a experiência enriquece os sobreviventes, pois “o sujeito não só tem experiências como pode comunicá-las, construir seu sentido e, ao fazê-lo, afirmar-se como sujeito”<sup>10</sup>.

Evidentemente que, após vivenciar os horrores da guerra, nenhum sujeito volta como antes. O sujeito volta da guerra com outros discursos em relação à vida e, mais tarde, após um período de silenciamento, o sobrevivente passa a comentar sobre o que experienciou, escolhendo, na maioria das vezes, via literatura de testemunho, expor seu discurso acerca do terror vivido. Assim, a fragilidade do olhar se potencializa pela vontade de poder dizer ao outro para manter-se vivo e participante da sociedade, contribuindo para modificar a história oficial que se conta sobre o passado, por meio de sua trágica e lúdica experiência.

---

<sup>8</sup> Rancière 2009, 35-38.

<sup>9</sup> Benjamin 1994<sup>2</sup>, 198.

<sup>10</sup> Sarlo 2007, 39.

Para João Carlos Tedesco<sup>11</sup>:

O conceito de experiência é complexo: pode estar envolvido na ideia do que se vive (só em parte consciente), no processo por meio do qual o sujeito *se apropria do vivido e o sintetiza, no exercício controlado, repetitivo, subjetivamente depurado, na via de acesso ou ter um dote de sabedoria, no exercício e a aquisição de capacidade de elaboração, no vivido, particularmente significativo* e carregado de expectativas de competência, [...] Fala-se em experiências como passado presente, no qual eventos podem ser recordados; incorpora-se algo do passado no presente, como faculdade de conter os diversos vividos numa continuidade dotada de sentido.

O autor descreve a experiência como algo complexo, afirmando que ela transforma o presente, dando a ele um novo sentido. Desta forma, o ponto de partida para investigarmos o passado é o presente. É do presente que se chega ao passado. Todavia, para Beatriz Sarlo<sup>12</sup> “o passado é sempre conflituoso. [...] O retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente”. Os verdadeiros testemunhos não podem vir à tona, não podem falar, visto que não sobreviveram. É este silêncio imposto pelo assassinato que torna incompleto o testemunho dos sobreviventes. Sarlo ratifica, no seguinte excerto:

De modo radical, não se pode representar os ausentes, e dessa impossibilidade se alimenta o paradoxo do testemunho: quem sobrevive a um campo de concentração sobrevive para testemunhar e assume a primeira pessoa do que seriam os verdadeiros testemunhos, os mortos. Um caso-limite, terrível, de prosopopeia.<sup>13</sup>

Como é quase que impossível representar o testemunho daqueles que morreram, resta-nos, então, direcionarmos nossa atenção no testemunho dos sobreviventes, e por meio deles, chegarmos a um coerente pensamento acerca do contexto traumático vivido por aqueles que sobreviveram, para contar sua experiência nos campos de concentração. O discurso dos mortos se legitima, de certa forma, no discurso do sobrevivente, pois este viu o que aconteceu com os que não conseguiram sobreviver.

A complexidade do testemunho dado por Primo Levi é o suficiente para o que desejamos aqui fazer, ou seja, reconhecer que sua escrita é permeada por traços traumáticos interpelados por uma experiência que está em processo de construção. Não temos verdades absolutas definidas que

---

<sup>11</sup> Tedesco 2007, 98-99.

<sup>12</sup> Sarlo 2007, 9.

<sup>13</sup> Ivi, 35.

possam pôr um ponto final no trauma individual e coletivo oriundo do Holocausto, devido à profundidade deste acontecimento e o grau de violência nunca presenciado pela humanidade. Assim, a memória deste acontecimento, talvez, jamais cesse de ser investigada, ou quem sabe, um dia, possamos encontrar, sabe-se lá como, respostas definitivas para o horror que causou consequências histórico-sociais no mundo inteiro.

Esta pesquisa prisma pela memória como ponto central da investigação, uma memória construída por elementos traumáticos, que aqui chamamos de memória traumática, se bem que toda memória é interpelada por uma representação traumática, assim como todo processo que envolve a construção humana mediada pela linguagem. Segundo Geoffrey H. Hartman, a memória

[...] limita e possibilita ao mesmo tempo. Quando falamos de trauma, queremos dizer eventos ou estados sentimentais que ameaçam esse limite: extrema dor física ou psíquica, por exemplo, mas também prazer extremo. Eles perfuram o tempo vivido e existem somente como fantasmas. Mas a memória é evidência de continuidade: de que o futuro terá um passado.<sup>14</sup>

O autor faz uma relevante distinção entre trauma e memória, entendendo que a memória é evidência de continuidade, reconhecendo que o futuro precisa ter um passado que o legitime. Não existe futuro sem passado, nem mesmo o presente. A memória é uma construção passadística, e como bem afirma o autor, ela limita e possibilita ao mesmo tempo. Só o trauma pode ameaçar esse limite, e quando o faz, sabemos o seu resultado: uma extrema dor física ou psíquica adentra o corpo do sobrevivente abalando o seu aparelho psíquico-motor e produzindo sentimentos de perda de sentido que levam o indivíduo a certas crises de representação, e em certos casos, ao suicídio, como, provavelmente tenha acontecido com o sobrevivente Primo Levi.

Temos discutido aqui sobre o corpo, pois é ele, como já foi dito, o lugar aonde o trauma reside, e ele é o ponto de partida para qualquer análise feita acerca do conhecimento, seja interpelado pela diacronia dos fatos, seja interpelado pela sincronia dos acontecimentos. Nesse sentido, entendemos que a escrita de Primo Levi é, indubitavelmente, mediada por um corpo ferido e maltratado pela experiência vivida nos campos de concentração. E enquanto ele viveu, seu corpo produziu informações úteis ao entendimento do maior dos desastres que aconteceu em nossa sociedade.

Corpo, sentido, linguagem, experiência e memória se integram para dar conta de uma escrita ferida pelo trauma – *escrita traumática* –, servindo

---

<sup>14</sup> Hartman 2000, 223.

como “alimento discursivo” para muitas áreas do conhecimento, principalmente a Antropologia, a Psicanálise, a História, além da Literatura de Testemunho (LT) que encontra nos testemunhos dos sobreviventes de catástrofes seu objeto de estudo. A LT é um tipo de escrita cujo foco central é narrar um acontecimento que, por determinadas razões, tem reverberações políticas, históricas, psicológicas e sociais. A partir de sua própria construção, ela coloca em questão a relação entre a literatura e o real, convocando a repensar, portanto, sobre o discurso não-ficcional, o discurso histórico e a sua relação com o discurso literário, dialogando com várias áreas do conhecimento que lhes são necessárias, principalmente a História, a Literatura e à Análise do Discurso, contribuindo, desta forma, para a crítica da realidade e dos problemas em que a sociedade está inserida e a consciência de que é preciso mudar a forma de pensar as coisas e o mundo por meio de novos discursos, ancorados pela vontade popular, pela liberdade de expressão e pelo respeito ao corpo humano, ao corpo que sofre as agressões impostas por sistemas de poder, interpelados por formações ideológico-discursivas impregnadas de racismo, ódio e preconceito, dominadas e expressas por meio da linguagem.

Desta forma, entendemos que nenhuma pesquisa se faz fora do uso da linguagem. A linguagem oferece-se à análise como o objeto predominante, pois desde sempre o homem se preocupou com a linguagem e muito do que atualmente se tem como novidade, encontra-se já nas mais remotas culturas que nos legaram por documentos escritos. Nunca o homem se debruçou tão preocupado e metodologicamente sobre a linguagem como nos dias atuais. O nosso tempo deveria ser reconhecido como a “Idade da Linguagem”. Todavia, hoje estamos sendo invadidos por acontecimentos que, na realidade, é reflexo da violência cometida durante todo o século XX, em que muitas atrocidades foram cometidas por meio do poder da linguagem. Pela linguagem o homem se identificou com “o mal radical”, produzido em momentos extremos da aprendizagem e vida humanas, culminando no que chamamos de Holocausto, embora outros pesquisadores prefiram o termo *Shoah*.

Falar de linguagem sem mencionar o elemento que a faz ser produzida – a memória – é ir em busca do nada, pois é a memória o alimento principal da linguagem. Sem memória ela inexistiria. Mas a memória se alimenta do passado, e esse é ressignificado por meio do presente. Sem memória é impossível, também, haver a produção histórica e literária nem qualquer produção discursiva do conhecimento. Assim, conforme Rezende:

O conhecimento do passado tem relações diretas com a construção da memória, utilizando fontes das mais diversas procedências. [...] Sem memória

não existiria história. [...] Quando dialogamos com o passado, estamos nos conhecendo, nomeando os episódios da nossa vida, desfazendo muitos nós que pareciam permanentes. A memória se refaz, se movimenta, é como uma escrita que não se ausenta de narrar até os nossos instantes mais silenciosos.<sup>15</sup>

A memória (que alimenta a linguagem) produz sentido. E é por meio do sentido que se formam vários “blocos do conhecimento”, ou áreas do saber em que o homem necessita fazer uso para ser identificado enquanto ser representado pela linguagem. “Inútil seria analisar a linguagem se esta não tivesse sentido. Ter sentido constitui a função mais essencial da linguagem. Entendê-la é capturar-lhe o sentido”. E a LT é um desses blocos do conhecimento que busca, por meio da linguagem, o sentido de testemunhos dados por pessoas que sofreram terríveis agressões humanas. Ela e a Psicanálise constituem duas áreas do saber-poder que abarcam em seu objeto de investigação as vozes de sujeitos que foram violentados em face dos acontecimentos traumáticos. Nesse sentido, a violência é uma forma de irracionalidade. Além disso, “a violência relaciona-se com a ditadura da razão”<sup>16</sup>.

Reconhecemos, dessa forma, que não podemos deixar de mencionar conceitos como o de “violência” quando estamos a falar do corpo no contexto em que esta pesquisa está direcionada, ou seja, o corpo como lugar de inscrição do trauma. Assim, em articulação com a experiência traumática, a violência, conforme Vianna e Farias:

é “toda pressão de natureza física ou psíquica capaz de produzir terror, infelicidade, sofrimento, morte de um ente querido e todo ato perpetrado que tem por efeito voluntário ou involuntário desapropriar alguém de sua condição subjetiva” (Héritier 1996, 17). Esta é a nuance em que a violência se apresenta como uma prática de agir pela força, tanto a partir de uma escolha quanto na condição de agente de transmissão de *modus operandi*, próprio de uma engrenagem social, em que a condição de dominação mostra sempre ser operante.<sup>17</sup>

O contexto histórico em que as obras de Primo Levi são escritas estão relacionadas à violência imposta pelo regime nazista. No livro *Reflexões sobre o nazismo*, Saul Friedländer<sup>18</sup>, historiador israelita e norte-americano, mundialmente reconhecido como um dos maiores especialistas do nazismo e dos genocídios dos Judeus, há uma extensa entrevista intermediada por Stéphane Bou, em que Friedländer comenta sobre diversos temas, abran-

---

<sup>15</sup> Rezende 2006, 11.

<sup>16</sup> Vianna - Farias 2015, 54.

<sup>17</sup> Ivi, 55.

<sup>18</sup> Friedländer 2017.

gendo a diversidade de questões relacionados com a história e a memória do nazismo. Começa com os seus primeiros trabalhos nos arquivos do Vaticano e encerra com a escrita de *A Alemanha nazi e os Judeus*. Faz severas críticas a importantes nomes de estudiosos que se debruçaram sobre a catástrofe *Shoah* (recusando o uso do termo “holocausto” por ter se tornado um termo *hollywoodesco*), citando, todavia, pontos negativos e positivos em filmes e livros acerca dessa grande catástrofe.

Sem dúvida, o trauma é o elemento desencadeador deste processo mnemônico que impede que Primo Levi fale de forma plena, pois ele (o trauma) perfura o tempo vivido dos sobreviventes de guerra, causando-lhes um grande desconforto psicossocial, conduzindo-os a perder seu velho, fixo e seguro sentido das coisas e das palavras, vivendo numa zona de desequilíbrio psicossomático constante. Para Aleida Assmann, “essa terapia do trauma consiste no aprendizado de uma nova relação com o mundo”<sup>19</sup>. E essa nova relação com o mundo estará sempre à mercê da “falta de”, da ausência de algo que possa fechar, por completo, as lacunas oriundas da experiência catastrófica. Esse choque ou trauma, segundo Seligmann-Silva, “indica a pessoa que atravessou uma provação, o sobrevivente”<sup>20</sup>. Nesse sentido, ao se tornarem sobreviventes tornam-se, também, portadores de uma memória traumática que, indubitavelmente, fará parte de sua formação ideológico-discursiva enquanto pessoa, sujeito ou indivíduo fragmentado, carregando dentro de si as imagens do horror vivenciado por seus “feridos corpos”, marcado pela solidão e pela dor. Para Seligmann-Silva:

A solidão do sobrevivente é dor de descobrir-se em um mundo em que tudo tem a mesma aparência, homens, carros, médicos, caminhões, chuveiros, e não poder entender como tudo isto se transfigurou em uma gigantesca máquina de morte. É dor pela sensação de absoluto isolamento em um mundo no qual seres humanos – máxima semelhança – se tornaram assassinos de um povo.<sup>21</sup>

Dor é o signo que revela a presença do trauma no corpo do sobrevivente. A dor do sobrevivente de Auschwitz é diferente de qualquer dor sentida por qualquer sobrevivente de qualquer outra catástrofe porque trata-se de uma dor inlocalizável e irrepresentável, mas que pode ser detectada pela escrita traumática do testemunho dado por aquele que sobreviveu a Auschwitz de uma forma inexplicável. Aleida Assmann em seu livro *Espaços da recorda-*

---

<sup>19</sup> Assmann 2011, 314.

<sup>20</sup> Seligmann-Silva 2000, 374.

<sup>21</sup> Ivi, 136-137.

ção. *Formas e transformações da memória cultural*, no capítulo IV intitulado “Corpo”, analisa a escrita do corpo como escritas que surgem através de longa habituação, de armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência. Em diálogo com o filósofo Nietzsche e Pierre Clastres, ela faz a seguinte análise:

Nietzsche desprende a teoria da memória da história da interioridade e de referências individuais, para associá-la, pela primeira vez a instituições de poder e violência. [...] “Marca-se a fogo, e com isso alguma coisa ficará na memória; só o que não termina, o que dói, fica na memória”. [...] O etnólogo Pierre Clastres, utilizando ritos de iniciação como exemplo, confirmou de modo muito impressionante essa relação entre dor e memória. Na verdade, ele faz valer a ideia de que uma memória corporal se fixa, mesmo depois do alívio da dor, em traços e cicatrizes: “Depois da iniciação, quando já ficou esquecida a dor, ainda resta algo, um resíduo irreversível, os vestígios que a faca ou a pedra deixam no corpo, as cicatrizes das feridas recebidas. Um homem iniciado é um homem marcado [...]. As marcas impedem o esquecimento, o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é memória”. O que o etnólogo escreve aqui sobre os ritos de iniciação se aplica notavelmente ao corpo dos soldados, cujas feridas e cicatrizes conservam a memória física da batalha. [...] A memória corporal de feridas e cicatrizes é mais confiável do que a memória mental.<sup>22</sup>

De acordo com Assmann, citando Nietzsche, “só o que não termina, o que dói, fica na memória”. Assim, não há memória a recordar que não passe por esse processo dolorido, e, indubitavelmente, traumático. Pierre Clastres também relaciona a dor à memória, valendo-se da ideia da existência de uma memória corporal que se fixa, mesmo após o refrigério da dor, por meio de seus traços e cicatrizes. A dor produz no sobrevivente a sensação de vazio, de perda de si, de que há algo a faltar. É a experiência que produz essa representação do passado traumaticamente vivido. Vejamos um trecho do livro *Se isto é um homem*, em que Primo Levi descreve uma cena, dominado por esse sentimento fugaz onde o fato acontece à noite, movido por um tempo ferido em sua construção:

Por sorte, hoje não está vento. É estranho, de uma maneira ou de outra tem-se sempre a impressão de ter sorte, quando uma circunstância qualquer, mesmo infinitésima, nos retém à beira do desespero e nos concede viver. Chove, mas não há vento. Ou então, chove e há vento: mas sabes que esta noite é a tua vez de ter o suplemento de sopa, e então também hoje encontras forças para

---

<sup>22</sup> Assmann 2011, 263-265.

chegar até à noite. Ou ainda, há chuva, vento e a fome habitual, então pensas que, se fores mesmo obrigado, se sentires no coração nada mais do que sofrimento e tédio, como às vezes acontece, e então parece realmente ter-se tocado o fundo; pois bem, mesmo neste caso pensamos que, se quisermos, podemos em qualquer momento atirar-nos contra o arame farpado electrificado, ou para debaixo dos comboios em manobra, e então acabaria de chover.<sup>23</sup>

Esta passagem concede-nos a prova da presença de uma escrita traumática, intermediada por um tempo traumático e movido por uma vontade de, diante dos fatos, pôr fim à vida, erradicando a dor causada pela realidade vivida. Levi faz uso de uma linguagem que pede socorro a ela mesma, de uma linguagem que sobrevive nas margens de um “quase” ou de uma possibilidade acessível: jogar-se à frente dos comboios em movimento ou nas cercas elétricas para, desta forma, não mais ouvir a intensa presença da traumática noite que tem como companheira a chuva, o vento e a repetível fome.

Podemos constatar em *É isto um homem?* a sensação de que tudo o que sucedeu de forma trágica e horrenda não passou de uma mentira, de algo inventado. Ele foi surpreendido durante o dia com o pensamento de que, a qualquer momento, algo fatal poderia acontecer, pois a morte era uma terrível realidade na qual ele enfrentava constantemente:

Bem sabemos que vamos acabar “em seleção”, em gás, embora a gente quase não pense nisso, a não ser umas poucas vezes por dia e, ainda assim, de uma estranha maneira distante, como não se tratasse de nós. Bem sei que não sou do estofo dos que aguentam, sou civilizado demais, ainda penso demais, esgotto-me trabalhando. [...] Hoje – nesse hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo –, hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido.<sup>24</sup>

Acerca de sua experiência em Auschwitz-Birkenau. Levi diz: “Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para esta ofensa, a aniquilação de um homem”<sup>25</sup>.

Esta sensação de que o real tão cruelmente vivido por Levi leva-o a imaginar que tudo não passou de um sonho, que tudo é irreal, causando-lhe um choque entre o ontem e o hoje. O autor, ao encontrar dúvida acerca do que ele vivenciou em Auschwitz, credibiliza ainda mais a tragédia, visto que isso se repete em vários outros testemunhos dados por aqueles

---

<sup>23</sup> Levi 2002, 145-146.

<sup>24</sup> Levi 1988, 105.

<sup>25</sup> Ivi, 24.



que também por lá estiveram e não conseguem explicar como realmente conseguiram sobreviver.

No livro *Os afogados e os sobreviventes* constatamos que se trata de uma obra que dá um importante testemunho do próprio autor: a terrível experiência diante dos horrores que o seu frágil corpo suportou. Para Levi, carregar o peso do trauma em sua vida é também carregar a ofensa:

A hora da liberdade soou grave e acachapante, e inundou, a um só tempo, as nossas almas de felicidade e doloroso sentimento de pudor, razão pela qual quiséramos levar nossas consciências e nossas memórias da sujeira que as habitava; e de sofrimento, pois sentíamos que isso já não podia acontecer, e que nada mais poderia acontecer de tão puro e bom para apagar o nosso passado, e que os sinais da ofensa permaneceriam, nas recordações de quem a tudo assistiu, e nos lugares onde ocorreu, e nas histórias que iríamos contar.<sup>26</sup>

Assim, é impossível que a justiça humana possa extinguir a natureza da insanável ofensa sofrida por aqueles que sobreviveram aos horrores da guerra.

Ela é inexaurível fonte do mal: quebra o corpo e a alma dos esmagados, os destrói e os torna objetos; [...] perpetua-se como ódio nos sobreviventes, e pulula de mil maneiras, [...] como a própria vontade de todos, [...] como desmoronamento moral [...].<sup>27</sup>

Convém afirmar que Primo Levi produz diálogo em sua escrita traumática, diálogo esse atravessado por uma constante incompletude humana que acabou levando-o ao suicídio. O diálogo expresso por meio de seus livros deu a Levi um importante lugar na LT em relação a importantes informações que nos ajudaram a compreender melhor o que não se pode explicar de forma absoluta. Isso se deve à potência da vontade de uma experiência interior que é analisada por Maurice Blanchot<sup>28</sup>, grande crítico que até da crítica fez crítica quando diz que o que falta no crítico é leitura. Mas, neste momento, não nos deteremos nesta questão, pois aqui nos interessa é entender o diálogo que salvou Levi por intermédio de sua escrita ferida por signos que representam o seu estado de impossibilidade diante daqueles terríveis dias vividos em Auschwitz. A “palavra ferida” consegue ainda falar, e é isto que Levi consegue realizar por meio da escrita de testemunho.

Vale apenas trazer à tona para entendermos melhor a questão do trauma oriundo da guerra, a situação daqueles que sobreviveram ao horror que o mundo presenciou nos campos de concentração de Auschwitz. É triste e

---

<sup>26</sup> Levi 2010, 11.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> Blanchot 2018.

comovente, entre tantas lembranças do “clausuramento coletivo” dos judeus, o momento em que Primo Levi cita em seu livro *A trégua*, a história de um menino que nasceu em Auschwitz e tinha aproximadamente três anos. Deram-lhe o nome de Hurbinek. Torturado e atormentado, o pobre menino não conseguiu sobreviver, morrendo nos primeiros dias de março de 1945. Hurbinek combatera com todas suas forças até seu último suspiro para conquistar um lugar no mundo dos homens. Ele era o que não tinha nome; seu pequeno antebraço fora tatuado apenas um número de identificação. Nada restou dele, apenas o que Levi registrou em seus escritos. Assim, ficamos a imaginar quantas crianças não nasceram nos escombros da guerra, oriundas do Holocausto e que permanecem vivas ainda hoje, morando em algum canto do mundo, guardando, silenciosamente, as lembranças traumáticas de sua horrenda infância! Levi registra:

Não sabia falar e não tinha nome, Hurbinek, fora-lhe atribuído por nós, talvez por uma das mulheres, que interpretara com aquelas sílabas uma das vozes inarticuladas que o pequeno emitia, de quando em quando. Estava paralisado dos rins para baixo, e tinha as pernas atrofiadas, tão adelgadas como gravetos; mas os seus olhos, perdidos no rosto pálido e triangular, dardejavam terrivelmente vivos, cheios de buscas de asserção, de vontade de libertar-se, de romper a tumba do mutismo. As palavras que lhe faltavam, que ninguém se preocupava de ensinar-lhe, a necessidade da palavra, tudo isso comprimia seu olhar com urgência explosiva: era um olhar ao mesmo tempo selvagem e humano, aliás, maduro e judicante, que ninguém podia suportar, tão carregado de força e de tormento.<sup>29</sup>

No livro *Catástrofe e representação*, organizado por Arthur Nestrovski e Márcio Seligmann-Silva<sup>30</sup>, Jeanne Marie Gagnebin apresenta um ensaio intitulado “Palavras para Hurbinek”, em que ela faz uma síntese do que aconteceu no Colóquio Internacional *O homem, a língua, os Campos*, realizado em fim de maio de 1997, em Paris, França. Para ela, um dos grandes trunfos científicos desse colóquio foi, sem dúvida, ter reafirmado, em alto e bom tom e na prática viva das discussões, a necessidade da auto-reflexão crítica do pesquisador sobre sua própria posição, sua origem e seus interesses, isto é, também o reconhecimento de sua responsabilidade, simultaneamente científica e histórico-social. Outro trunfo citado por ela foi a demonstração concreta do valor da interdisciplinaridade e da dignidade dos estudos comparatistas. Segundo Gagnebin, no colóquio ficou claro que a construção da memória do passado se desdobra na construção

---

<sup>29</sup> Levi 2010, 19-20.

<sup>30</sup> Nestrovski - Seligmann-Silva 2000.

de uma atenção ativa que permite intervir no presente histórico. Ela faz uma crítica às várias formas de testemunho, que a imediatez da imagem televisonada e filmica revela-se muito mais um engodo que um ganho positivo.

Assim, a literatura de testemunho deve estar atenta a esse contexto, pois é ela o campo principal que reúne como seu objeto de estudo os testemunhos de sobreviventes que escrevem sobre a experiência vivida nos campos de concentração e noutros tipos de violências patrocinadas por sistemas totalitaristas, autoritaristas e ditatoriais que estão, atualmente, fazendo novas vítimas em nossos dias. Daí termos lembrado do importante colóquio internacional que aconteceu na França, em 1997 que reuniu milhares de especialistas neste assunto. De acordo com Gagnebin:

Talvez seja essa necessidade de elaboração que melhor explica por que a escrita – em particular a escrita literária – continua sendo o veículo privilegiado de transmissão dessas experiências do horror, do mal, da morte anônima. Literatura de *testemunho*, sem dúvida, com todas as questões que essa missão implica para o compromisso estético da literatura, mas testemunho indireto, mediado pela busca, tão essencial quão irrisória, das palavras justas. É, pois, nessa reflexão sobre a “literatura dos campos” (Primo Levi, Robert Antelme, Piotr Raxicz, Elie Wiesel, Paul Celan etc., mas também Chalamov e Borowski) que irrompe o problema maior da *representação* do horror: o de sua fundamental *irrepresentabilidade*, pois essa experiência sempre será incomensurável à sua tradução em palavras e em conceitos.<sup>31</sup>

O discurso da autora ratifica o que aqui defendemos, reconhecendo que a escrita traumática em Primo Levi é um valioso contributo nesse complexo mundo de representação irrepresentável daquilo que nem eles mesmos (os sobreviventes) conseguem explicar em palavras. O próprio Primo Levi, como já dissemos, afirma que “pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem”<sup>32</sup>, ao lado da morte que os cercavam constantemente: “Ainda é noite, e nos perguntamos se vai voltar a ser dia”<sup>33</sup>.

Vale ressaltar que obra autobiográfica de Primo Levi torna-se pioneira, juntamente com o livro de Robert Antelme, publicados em 1947, respectivamente, *Se questo è un uomo?* e *L'espèce humaine*, ambos dominados por um acelerado desejo de comunicar, de contar e de escrever. Em contrapartida, percebem a vaidade desse empreendimento narrativo, pois eles são

---

<sup>31</sup> Gagnebin 2000, 106.

<sup>32</sup> Levi 1988, 23.

<sup>33</sup> Ivi, 24.

incapazes de realmente elaborar um pleno discurso em torno do horror dos Campos.

Primo Levi, no capítulo de seu livro intitulado “Os submersos e os salvos”, faz a seguinte constatação em relação à vida nos Campos, que vem complementar ainda mais a nossa ideia da presença de signos traumáticos em sua escrita permeada por uma condição humana que leva os sujeitos a realmente se *entregarem*, como fizeram os muçulmanos:

Essa, então, é a vida ambígua do Campo. Desse modo brutal, oprimidos até o fundo, viveram muitos homens do nosso tempo; todos, porém, durante um período relativamente curto. Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória. [...] De-sejariamos chamar a atenção sobre o fato de que o Campo foi também (e marcadamente) uma notável experiência biológica e social. Fechem-se entre cercas de arame farpado milhares de indivíduos, diferentes quanto a idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e ali submetem-nos a uma rotina constante, controlada, idêntica para todos e aquém de todas as necessidades; nenhum pesquisador poderia estabelecer um sistema mais rígido para verificar o que é congênito e o que é adquirido no comportamento do animal-homem frente à luta pela vida.<sup>34</sup>

Percebe-se, então que há por trás do texto de Levi uma *voz* que domina seu discurso, a voz potencializada e interpelada por signos traumáticos expressa em forma de narrativas construídas por meio de um passado que ainda se faz presente, legitimado pela experiência com o extremo-limite da condição humana. É essa voz dilacerada e fragmentada o elemento discursivo que possibilita representar a memória dos tempos de horror que foram vividos pelo sobrevivente. Dessa forma, voz, memória, representação, experiência e testemunho tornam-se inseparáveis neste processo investigativo, levando em conta que a voz protege e guarda a memória do esquecimento e ressignifica o passado e a experiência vivenciados pelo escritor.

No capítulo “Cesare” de *A trégua*, Levi traz à tona um longo excerto que vale aqui mencionar por tratar-se da realidade viva de quem lá vivia a apodrecer:

No campo de Buna, abandonado pelos alemães a camarata dos infetocontagiosos, em que os dois franceses e eu tínhamos conseguido sobreviver e instaurar uma aparência de civilização, representava uma ilha de relativo bem-estar: no setor contíguo dos disentéricos, a morte dominava incontestada. Através da parece de madeira, a poucos centímetros da minha cabeça, ouvia falar italiano.

---

<sup>34</sup> Ivi, 88.

Uma noite, mobilizando as poucas energias que me restavam, decidi-me a ir ver quem vivia ainda lá atrás. Percorri o corredor escuro e gelado, abri a porta, e dei comigo precipitando-me no reino do horror. Eram centenas de beliches: metade pelo menos ocupados por cadáveres inteiriçados pelo frio. Só duas ou três velas quebravam a escuridão: as paredes e o teto perdiam-se nas trevas, de modo que parecia que penetrávamos numa enorme espelunca. Não havia nenhum aquecimento, com exceção dos hálitos infetos dos cinquenta doentes ainda vivos. Apesar do gelo, o fedor bafiento de fezes e de morte era tão intenso que cortava o fôlego, e tinha de se exercer violência sobre os nossos pulmões para os obrigar a puxar por aquele ar corrompido. Contudo, cinquenta anda viviam. Estavam todos encolhidos debaixo dos cobertores; uns gemiam ou gritavam, outros desciam a custo dos beliches para evacuarem no chão. Clamavam por nomes, rezavam, praguejavam e imploravam socorro em todas as línguas da Europa.<sup>35</sup>

Ver pelas “lentes” de Levi é aportar-se da dor daqueles que estavam em Auschwitz tentando viver, gritando e gemendo, num cruzamento de vozes, culturas e línguas que pediam socorro, numa situação de total entrega à morte, a chamar por nomes, provavelmente de parentes que, possivelmente, foram sucumbidos.

A experiência de Primo Levi ultrapassa os limites da própria experiência, pois esta experiência, ao ultrapassar esses limites produz uma representação que também ultrapassa os limites da representação. Estamos não mais na dimensão da experiência, mas na “transexperiência”. Assim, Levi é um sobrevivente que passou por essa “transexperiência”, ancorada por um discurso ferido por uma memória interpelada por fragmentos doloridos. Dor que dá ao “sujeito transsobrevivente” um resto a ser lembrado, sob a direção de uma subjetividade que se desrecalca de sua indizibilidade. Já não mais estamos sob o poder da linguagem, mas da translinguagem, potencializada pela interminável “falta de” que define a escrita de Primo Levi.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis - Magalhães 2006      N.R. Sento Sé de Assis - F. Santos Magalhães, *Seminário Cultura, Memória e Sociedade*, Salvador - Bahia, Eduneb, 2006.
- Assmann 2011                A. Assmann, *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*, Campinas - São Paulo,

---

<sup>35</sup> Levi 2017, 88-90.

- Editora da Unicamp, 2011 (*Erinnerungsräume. Formen und wandlungen des Kulturellen Gedächtnisses*, Verlag C.H. Beck, 2006).
- Benjamin 1994<sup>2</sup> W. Benjamin, *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*, São Paulo, Brasiliense (Obras escolhidas, 1.7), 1994<sup>2</sup> (*Auswahl in Drei Bänden*, Suhrkamp Verlag, 1994).
- Blanchot 2018 M. Blanchot, *O livro por vir*, Lisboa, Relógio D'Água, 2018 (*Le livre à venir*, Gallimard, 1959).
- Enes 1983 J. Enes, *Linguagem e ser*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.
- Friedländer 2017 S. Friedländer, *Reflexões sobre o nazismo*, Porto, Sextante Editora, 2017 (*Refléxions sur le nazisme*, Éditions du Seuil, 2017).
- Gagnebin 2000 J.M. Gagnebin, “Palavras para Hurbinek”, in A. Nastrovski - M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação*, São Paulo, Escuta, 2000, 99-110.
- Hartman 2000 G.H. Hartman, “Holocausto, testemunho, arte e trauma”, in A. Nastrovski - M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação*, São Paulo, Escuta, 2000, 207-236.
- Levi 1988 P. Levi, *É isto um homem?*, Rio de Janeiro, Rocco, 1988 (*Se questo è un uomo*, Giulio Einaudi, 1976).
- Levi 2002 P. Levi, *Se isto é um homem*, Porto, Coleção Mil Folhas, 2002 (*Se questo è un uomo*, Giulio Einaudi, 1976).
- Levi 2004 P. Levi, *Os afogados e os sobreviventes*, São Paulo, Paz e Terra, 2004 (*I sommersi e i salvati*, Giulio Einaudi, 1989).
- Levi 2010 P. Levi, *A trégua*, São Paulo, Companhia das letras, 2010 (*La tregua*, Giulio Einaudi, 1989).
- Levi 2017 P. Levi, *A trégua*, Alfragide, Dom Quixote, 2017 (*La tregua*, Giulio Einaudi, 1989).
- Levi 2018 P. Levi, *Os que sucumbem e os que se salvam*, Alfragide, Dom Quixote, 2018 (*I sommersi e i salvati*, Giulio Einaudi, 1989).
- Rancière 2009 J. Rancière, *O inconsciente estético*, São Paulo, Editora 34, 2009 (*L'inconscient esthétique*, Galilée, 2001).
- Rezende 2006 A.P. Rezende, “Cultura, memória e sociedade”, in N. Rita Sento Sé de Assis - F. Santos Magalhães (Orgs.), *Seminário Cultura, Memória e Sociedade*, Santo Antônio de Jesus Bahia, Eduneb, 2006, 9-20.

- Sarlo 2007 B. Sarlo, *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*, São Paulo, Companhia das Letras Belo Horizonte, 2007 (*Tiempo pasado – Cultura de la memoria y giro subjetivo. Una discusión*, Siglo XXI, Editores Argentina, 2005).
- Seligmann-Silva 2000 M. Seligmann-Silva, “A história como trauma”, in A. Nestrovski - M. Seligmann-Silva (Orgs.), *Catástrofe e representação*, São Paulo, Escuta, 2000, 73-98.
- Seligmann-Silva - Nestrovski 2003 M. Seligmann-Silva - A. Nestrovski (Orgs.), *História, memória, literatura. O testemunho na era das catástrofes*, Campinas - São Paulo, Editora da Unicamp, 2003.
- Tedesco 2004 J.C. Tedesco, *Nas cercanias da memória. Temporalidade, experiência e narração*, Caxias do Sul, Educs, 2004.
- Vianna - Farias 2015 G.R. Vianna - F.R. de Farias, *Trauma, memória e violência*, Curitiba, Juruá, 2015.

